ISSN: 2358-8829

LITERATURA INFANTIL E DESCOLONIZAÇÃO DO OLHAR NA INFÂNCIA: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NO ÂMBITO DO PIBID

Vitória de Oliveira Barros [1]
Samara Cavalcante da Silva [2]

INTRODUÇÃO

Discutir as relações étnico-raciais desde a primeira infância constitui uma necessidade no contexto educacional brasileiro, uma vez que as crianças começam a construir percepções sobre diferenças, identidade e pertencimento ainda nos primeiros anos de vida. Em uma sociedade marcada por desigualdades históricas e heranças coloniais, torna-se essencial refletir sobre o que chega às crianças e sobre os discursos que estão sendo reforçados nas escolas.

Na contemporaneidade, muitas discussões ainda reproduzem estereótipos, visões eurocêntricas e apagamentos culturais, limitando a construção de uma percepção plural e respeitosa da diversidade. Almeida (2019) aponta que o racismo é estrutural, ou seja, o racismo faz parte da organização da sociedade, logo, as práticas de caráter racistas na sociedade não são anormalidades ou fenômenos individuais, mas estão presentes em toda estruturação econômica, política e cultural da sociedade. Portanto, o racismo promove e legitima a desigualdade social, a discriminação racial e as diversas formas de violência vivenciadas pela pessoa negra, desde a sua infância.

A educação das relações étnico-raciais tem um papel fundamental na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Sua proposta está voltada para o fortalecimento de práticas educativas antirracistas, que valorizem as contribuições históricas e culturais

[1] Graduada do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL, Bolsista do programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência PIBID no subprojeto de Alfabetização pela UNEAL.
vitoria.barros.2023@alunos.uneal.edu.br;
[2] Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE; Mestra em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE; Doutora em Educação pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Professora Titular da UNEAL e orientadora do PIBID, samara.melo@uneal.edu.br;

dos povos africanos e afro-brasileiros, além de combater preconceitos, discriminações e desigualdades presentes no contexto social e escolar, conforme Almeida (2019).

Nesse sentido, a Lei nº 10.639/03 representou um importante avanço ao tornar obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nas escolas Brasil (2003). Em consonância com essa legislação, o Ministério da Educação publicou, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais (2004). Posteriormente, por meio da Secretaria de Educação Continuada Alfabetização e Diversidade (Secad) (2006), foi lançado o documento Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais, com o propósito de incentivar reflexões e práticas pedagógicas voltadas para a valorização da diversidade cultural.

A escolha do tema também se justifica pela experiência desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), iniciativa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que tem como finalidade aproximar os estudantes de licenciatura da realidade das escolas públicas de educação básica, CAPES (2024).

Por meio do Pibid, os futuros professores têm a oportunidade de vivenciar práticas pedagógicas, refletir sobre o processo de ensino-aprendizagem e desenvolver intervenções educativas significativas no contexto escolar. Nesse sentido, foi desenvolvido o projeto de intervenção intitulado “Histórias que nos representam: a contação como caminho para o reconhecimento e valorização de si”, com crianças da Educação Infantil no município de Palmeira dos Índios – AL. A intervenção teve como objetivo promover reflexões sobre identidade, diversidade e respeito às diferenças por meio da literatura infantil e da contação de histórias.

Ao longo do presente artigo, serão apresentados os caminhos metodológicos da pesquisa, bem como os resultados obtidos a partir da intervenção pedagógica realizada. A análise das experiências desenvolvidas evidencia o potencial da literatura infantil como recurso pedagógico para a construção de práticas educativas comprometidas com o enfrentamento do racismo desde a primeira infância.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS SOBRE RACISMO, INFÂNCIA E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO RACISMO

ISSN: 2358-8829

> Assim é O racismo brasileiro: sem cara. Travestido em roupas ilustradas, universalistas, tratando-se a si mesmo como antirracismo […]. Para este racismo, o racismo é aquele que separa, não o que nega a humanidade de outrem; desse modo, racismo, para ele, é o racismo do vizinho (o racismo americano) (Guimarães, 1999, p. 57).

A sociedade brasileira ainda hoje trata a questão do racismo como um tema muitas vezes considerado tabu, frequentemente abordado de forma superficial. Em muitos contextos, o debate sobre as relações étnico-raciais acaba sendo substituído por exemplos que buscam reforçar a ideia de que o Brasil vive em uma democracia racial. Nesse sentido, Oliveira (2020, p. 4) afirma que "[...] a negação do racismo como ideologia estruturante das desigualdades sociais ainda é muito presente no Brasil". Esses exemplos, repetidos ao longo do tempo, acabam funcionando como narrativas que mascaram a realidade e dificultam a implementação de medidas efetivas de combate ao racismo, exemplos que, de tão repetitivos, soam como "história para boi dormir".

O racismo moderno surge em um contexto histórico marcado pela expansão do projeto de dominação capitalista, que buscava estabelecer justificativas ideológicas para legitimar a exploração, a opressão e a dominação de determinados grupos sobre outros, Almeida (2020). Nesse processo, um grupo de origem europeia passou a se autodeclarar como branco, atribuindo a si mesmo valores considerados positivos e associados à superioridade. Como consequência, essa lógica também implicou a construção da inferiorização dos grupos considerados não brancos, aos quais foram atribuídos valores negativos e estereótipos depreciativos.

No contexto brasileiro, essa dinâmica se consolidou com o processo de colonização e com a escravização de povos africanos trazidos de forma forçada para o país. A escravidão estabeleceu uma organização hierárquica das relações sociais baseada no antagonismo entre brancos e negros, que passaram a ser tratados de maneira desigual nos âmbitos econômico, político, social e cultural.

No cotidiano, o racismo passou a ser reproduzido por meio de preconceitos direcionados à população negra, muitas vezes associados à naturalização de características físicas, como a cor da pele, o formato do nariz e a textura do cabelo. Além disso, foram historicamente difundidos estereótipos que associavam a população negra a uma suposta inferioridade intelectual, à ausência de habilidades de liderança e à incapacidade de exercer determinados papéis sociais Almeida (2020).

ISSN: 2358-8829

A persistência das desigualdades sociais no Brasil evidencia o quanto o preconceito étnico-racial ainda orienta as relações sociais e contribui para a manutenção de práticas discriminatórias. Quando situações do cotidiano revelam a presença desse preconceito, ele se materializa em ações de discriminação contra indivíduos ou grupos, seja em função da cor da pele, seja em razão de elementos culturais associados à população negra. Essas práticas são sustentadas por juízos de valor construídos historicamente e que continuam a produzir diferentes formas de violência e exclusão.

RACISMO NA PRIMEIRA INFÂNCIA E PROCESSOS DE SOCIALIZAÇÃO

A infância constitui um período importante para a construção da identidade e dos valores sociais. Na Educação Infantil, as interações e as brincadeiras possibilitam que as crianças construam conhecimentos sobre si mesmas, sobre os outros e sobre o mundo, desenvolvendo atitudes de respeito às diferenças Brasil (2017). Desde os primeiros anos de vida, as crianças começam a observar diferenças físicas, culturais e sociais presentes nas interações cotidianas. Conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), especialmente no campo de experiência “O eu, o outro e o nós”, é fundamental proporcionar vivências que favoreçam a construção da identidade e o reconhecimento das diferenças.

Entretanto, embora as crianças percebam diferenças desde cedo, o preconceito não é algo inato. Ele é aprendido socialmente a partir das experiências, dos discursos e dos comportamentos observados no ambiente em que a criança está inserida. Assim, as interações com a família, a mídia e o contexto social exercem grande influência na formação das concepções das crianças sobre diversidade e pertencimento.

No contexto brasileiro, pesquisadores como Munanga (2005) e Silva (2007) defendem a importância da inserção das discussões sobre diversidade racial nos processos educativos e na formação docente, compreendendo a escola como espaço fundamental para o combate ao racismo e para a valorização das identidades negras. Associado ao letramento racial, destaca-se o conceito de afroletramento, desenvolvido por Ramos (2022), que enfatiza a necessidade de alfabetizar e letrar considerando as relações étnico-raciais desde os primeiros anos da escolarização. Para a autora, o contato das crianças com obras literárias que apresentem personagens negros, culturas africanas e afro-

brasileiras e experiências positivas de representatividade favorece processos de identificação, pertencimento e valorização da ancestralidade negra.

Ao utilizar em sala de aula obras literárias de autores afro-brasileiros, por meio da contação de histórias e de oficinas, estamos permitindo ao educando vivenciar as africanidades dentro do seu cotidiano, a fim de que ele perceba a realidade à sua volta a partir de uma nova perspectiva, posto que o meio literário propicia a apreensão de realidades que até então não existiam para ele, facilitando a construção de uma educação mais crítico-reflexiva e, consequentemente, não preconceituosa (Ramos, 2022).

O PAPEL DA ESCOLA NA CONSTRUÇÃO DE PRÁTICAS ANTIRRACISTAS

A escola desempenha um papel fundamental na formação social e cultural das crianças, sendo um espaço privilegiado para o desenvolvimento de valores relacionados ao respeito, à convivência e à valorização das diferenças. Na Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, conforme estabelecido pela Lei nº 12.796/2013 (Brasil, 2013), as práticas pedagógicas podem contribuir significativamente para a construção de relações mais igualitárias e para o enfrentamento de estereótipos e preconceitos raciais.

Nesse sentido, torna-se necessário que os educadores desenvolvam propostas pedagógicas que promovam o reconhecimento da diversidade cultural e étnico-racial presente na sociedade. A valorização da identidade, da história e da cultura afro-brasileira constitui um elemento importante nesse processo, contribuindo para a construção de uma educação mais inclusiva e democrática.

No Brasil, a importância de trabalhar as relações étnico-raciais na educação foi reforçada pela Lei nº 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana nas escolas da educação básica. Essa legislação representa um marco importante no combate ao racismo no ambiente educacional, ao reconhecer a necessidade de promover uma educação comprometida com a valorização da diversidade. Dessa forma, ao desenvolver práticas pedagógicas que abordem a diversidade racial desde a infância, a escola contribui para a formação de crianças mais conscientes, críticas e respeitosas em relação às diferenças, favorecendo a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

ISSN: 2358-8829

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa-ação, uma vez que envolveu a observação da realidade, o planejamento e o desenvolvimento de ações pedagógicas durante o processo. De acordo com Tanajura e Bezerra (2015):

> O uso da Pesquisa-ação surgiu da lacuna existente entre teoria e prática, com a característica de poder intervir no decorrer do processo de forma inovadora e não apenas como mais uma metodologia, cuja recomendação se dá ao final de uma pesquisa. Ela consiste em organizar a investigação em torno da concepção do desenrolar e da avaliação de uma ação planejada (Tanajura; Bezerra, 2015, p. 15).

A escolha da abordagem qualitativa está relacionada à necessidade de compreender as experiências, as interações e os comportamentos observados durante o desenvolvimento das atividades, considerando o contexto em que ocorreram. Segundo Minayo (2003), a pesquisa qualitativa:

> […] trata-se de uma atividade da ciência, que visa ampliar construção da realidade, mas que se preocupa com as ciências sociais em um nível de realidade que não pode ser quantificado, trabalhando com o universo de crianças, valores, significados e outros sentidos profundos das relações (Minayo, 2003, p. 16).

Nesse sentido, a pesquisa foi realizada no período de 22 de outubro a 18 de dezembro de 2025, em um Centro de Educação Infantil (CEI), vinculado ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), campus III, localizado em Palmeira dos Índios – Alagoas. Para a realização da coleta de dados, foram utilizados dois instrumentos principais: as regências realizadas e os resultados obtidos no decorrer de sua aplicação.

O projeto foi realizado em doze encontros, com duração de 4 horas cada, voltados para crianças da Educação Infantil (20 crianças: 11 meninos e 9 meninas). Em cada encontro, foi contada uma história do gênero conto, abordando temas como amizade, respeito e solidariedade, com o uso de recursos visuais e musicais para facilitar a compreensão e estimular a imaginação.

RESULTADOS E REFLEXÕES DA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA

ISSN: 2358-8829

O projeto “Histórias que nos representam: a contação como caminho para o reconhecimento e a valorização de si” surgiu a partir das observações realizadas na sala de aula, que evidenciaram a importância de ampliar o contato das crianças com histórias e personagens negros, valorizando sua identidade, cultura e características físicas. Diante dessa necessidade, a literatura infantil foi utilizada como recurso para promover a representatividade, o respeito às diferenças e o enfrentamento de estereótipos e preconceitos desde a primeira infância. Assim, foram desenvolvidas intervenções com contação de histórias e atividades lúdicas e interativas.

Quadro 1 – Síntese dos momentos e marcos da experiência pedagógica desenvolvida no PIBID

Momentos	Atividades desenvolvidas	Principais marcos
1. Literatura, identidade e representatividade	Amoras, de Emicida.	Valorização da identidade negra, da ancestralidade e da representatividade positiva na literatura infantil.
2. Valorização da identidade negra	O pequeno príncipe preto, de Rodrigo França.	Discussão sobre identidade, pertencimento, valorização da população negra e reconhecimento de referências positivas.
3. Cultura, movimento e expressão	De passinho em passinho: um livro para dançar e sonhar, de Otávio Júnior.	Aproximação com manifestações culturais negras e valorização de expressões culturais presentes nas vivências infantis.
4. Memória, história e identidade	Histórias da preta, de Heloisa Pires Lima.	Possibilidades de reflexão sobre a história, a cultura afro-brasileira e a valorização das identidades negras.

Fonte: As autoras (2026).

O quadro apresentado sistematiza os principais momentos da experiência pedagógica desenvolvida no âmbito do PIBID, destacando as obras literárias mobilizadas e suas possibilidades para a promoção de uma educação antirracista na Educação Infantil. As intervenções buscaram ampliar o contato das crianças com narrativas que valorizam a identidade negra, a diversidade cultural e a representatividade.

Uma das primeiras intervenções realizadas durante o período de regência teve como base o trabalho com a literatura infantil, por meio da qual buscou-se promover experiências de aprendizagem por meio de atividades lúdicas e interativas. A aula iniciou com a acolhida das crianças, momento em que foram desenvolvidas atividades de socialização por meio de brinquedos, músicas e da chamada com fichas contendo os

nomes dos estudantes, favorecendo o reconhecimento da própria identidade e estimulando a participação do grupo. Em seguida, foi realizada a contação da história "Meu crespo é de rainha", de Bell Hooks (2018), adaptada para a faixa etária da turma e apresentada com o auxílio de uma luva pedagógica. Um momento ocorreu durante a contação da história, quando uma criança negra da turma se identificou com a personagem e afirmou:

> "*Tia, se ela tem o cabelo igual ao meu, e ele é bonito. Eu não gostava dele porque é muito grande e minha mãe sempre prende, falalo que ele é feio mas se o da menina da história é bonito, o meu também é*" (Diário de campo, 19/11/2025).

Essa fala demonstrou a relevância de trabalhar, desde a Educação Infantil, questões relacionadas à identidade, à diversidade e à valorização das características étnico-raciais. A partir da identificação com a personagem, a criança passou a reconhecer positivamente uma característica de sua própria aparência, evidenciando como a literatura infantil pode contribuir para o fortalecimento da autoestima e para a construção de uma imagem positiva de si.

Um dos recursos mais recorrentes para expressar manifestações de racismo é, por exemplo, a discriminação a partir da textura do cabelo. Nilma Lino Gomes, em seu livro "Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolo da identidade Negra", diz:

> O cabelo, um dos sinais de diacríticos que faz parte da diversidade do gênero humano, foi capturado pela cultura e, a partir daí, passou a receber diferentes significados e sentidos diversos. No contexto da África pré-colonial, ele era visto pelas diversas etnias como símbolo de status, de realeza e de poder. No contexto da invasão colonial e da escravidão, passa a ser visto como marca de inferioridade racial, como uma entre as muitas justificativas para se manter o racismo e o mito da inferioridadedo negro. [...] O cabelo do negro pode ser visto como símbolo de beleza e, incoerentemente, de inferioridade racial. As tensões e os desencontros entre essas representações refletem a presença de relações sociais autoritárias, hierárquicas e conflituosas entre negros e brancos ao longo da História (Gomes, 2008, p. 330).

Percebe-se que há uma espécie de categorização e que, a depender do contexto em que o sujeito negro esteja inserido, será necessária uma ação direta de discriminação étnico-racial para fazê-lo entender que vive em uma sociedade racialmente fundada. Assim, apreende-se que não é sobre cabelos, texturas e tranças, e sim sobre o racismo na infância.

Em outra regência, a história "Os Tons de Pele" foi trabalhada com o objetivo de promover o reconhecimento das diferenças étnico-raciais presentes no contexto escolar.

ISSN: 2358-8829

Durante a contação, as crianças foram organizadas em roda e convidadas a estender os braços à frente do corpo. A partir dessa ação, foi realizada uma conversa sobre os diferentes tons de pele existentes entre os colegas, destacando que cada pessoa possui características próprias e que todas são igualmente bonitas e importantes.

Figura 1 - Momento da contação da história “Os Tons de Pele”.



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

No decorrer da atividade, as crianças demonstraram interesse e participação, observando as diferenças e semelhanças entre si. Em seguida, foi proposta uma atividade de pintura relacionada à temática. Nesse momento, uma das crianças escolheu um giz de cera e afirmou que a cor se parecia com o seu tom de pele, comparando o giz ao próprio braço antes de iniciar a pintura. Segundo Gomes (2005),

> A identidade negra é entendida, aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro (Gomes, 2005, p. 43).

Essa situação evidenciou a capacidade da criança de reconhecer suas características físicas e de valorizar sua identidade.

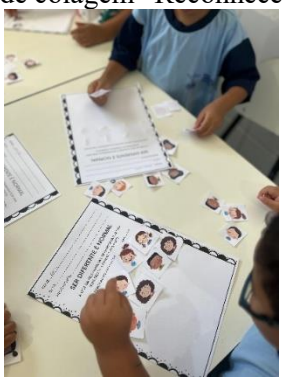
Figura 2 - Momento da Atividade “Minha Cor, Minha Identidade”.



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Posteriormente, foi desenvolvida uma atividade de colagem com imagens de pessoas de diferentes tons de pele. A maioria das crianças conseguiu identificar e incluir figuras variadas em suas produções. As crianças observaram as figuras, identificaram as características presentes em cada uma e realizaram a colagem.

Figura 3 - Atividade de colagem "Reconhecendo os Tons de Pele".



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Entretanto, uma situação chamou a nossa atenção: uma criança selecionou apenas imagens de pessoas com tom de pele semelhante ao seu. Ao observarmos a escolha, conversamos com a criança sobre a proposta da atividade, explicando que o objetivo era reconhecer e valorizar todos os tons de pele. Em resposta, a criança afirmou que preferia apenas aquele tom de pele por ser o que mais gostava.

Esse momento evidenciou como as percepções sobre diferenças físicas e pertencimento começam a ser construídas ainda na infância (Almeida, 2019). O autor destaca que a nossa relação com a vida social é mediada pela ideologia, ou seja, pelo imaginário que é reproduzido pelos meios de comunicação, pelo sistema educacional e pelo sistema de justiça em consonância com a realidade. Assim, uma pessoa não nasce branca ou negra, mas torna-se branca ou negra a partir do momento em que seu corpo e sua mente são conectados a toda uma rede de sentidos compartilhados coletivamente, cuja existência antecede a formação de sua consciência e de seus afetos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Infantil constitui uma etapa fundamental para a construção da identidade das crianças e para o desenvolvimento de valores relacionados ao respeito, à convivência e à valorização das diferenças. Nesse sentido, trabalhar as relações étnico-

raciais no ambiente escolar é essencial para combater preconceitos desde a infância e contribuir para a formação de sujeitos mais conscientes e respeitosos com a diversidade.

Diante disso, considera-se que o objetivo proposto foi alcançado, uma vez que as crianças tiveram contato com a literatura infantil voltada para a temática étnico-racial, com protagonistas negros, por meio da qual foi possível trazer essa representatividade para o chão da sala de aula, contribuindo para a descolonização do olhar dessas crianças e para a construção de um olhar atento e respeitoso, por meio de histórias protagonizadas por personagens negros. Essas experiências possibilitaram ampliar a representatividade no cotidiano da sala de aula, contribuindo para a descolonização do olhar infantil e para a construção de percepções mais atentas, positivas e respeitosas em relação às diferentes identidades e culturas.

Por fim, acredita-se na necessidade de novas pesquisas que investiguem as contribuições da literatura infantil para a construção da identidade negra, o desenvolvimento do sentimento de pertencimento e o enfrentamento do racismo na primeira infância. Também se considera relevante aprofundar os estudos sobre os desafios encontrados pelos professores na implementação de práticas antirracistas e sobre as possibilidades de participação das famílias e da comunidade escolar nesse processo. Assim, espera-se que as reflexões apresentadas contribuam para ampliar o debate acadêmico sobre a literatura infantil e a educação antirracista, reforçando a importância de uma Educação Infantil que reconheça, valorize e respeite as diferenças desde a infância.

Palavras - chave: literatura infantil, relações étnico-raciais, leitura, Educação Infantil, PIBID.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BAMBERGER, Richard. **A leitura eficiente**: como desenvolver o hábito da leitura. 5. Ed. São Paulo: Ática, 2002.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID**. Brasília, DF: CAPES, 2024. Disponível em:https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/educacaobasica/pibid/pibid. Acesso em: 26 set. 2026.

BRASIL. **Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2013. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12796.htm. Acesso em: 27 out. 2026.

BARBOSA, Maria Helena. **História da escrita**: das origens à contemporaneidade. São Paulo: Contexto, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: Documento oficial da BNCC. Acesso em: 27 out. 2026.

PEREIRA, Márcia Moreira. **Notas sobre a Literatura Afro-Brasileira na escola**. São Paulo, Instituto Singularidades, 2021. Disponível em: https://blog.institutosingularidades.edu.br/notas-sobre-a-literatura-afro-brasileira-na-escola/ Acessado em 14 ago. 2026.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolo da identidade negra**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autentica, 2008.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal**, v. 10639, n. 03, p. 39-62, 2005. Disponível em: https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2017/03/Alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf. Acesso em: 29 out. 2026.

MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola**. 2. Ed. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2005.

PEREIRA, Márcia Moreira; BRAULIO, Wendell Lopes de Azevedo. Literatura Afro-brasileira na escola: letramento racial e Afroletramento como instrumento de formação antirracista. **EccoS – Revista Científica**, n. 66, p. e25178, 19 set. 2023.

MINAYO, M.C. de S. (Org.) **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 22 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

OLIVEIRA, Francisca Duane Leandro de; COSTA, Alexandre Santiago da. Literatura e Afroletramento na construção da identidade étnico-racial de crianças. **Debates em Educação**, v. 17, n. 39, p. e20328, 2025. DOI: https://doi.org/10.28998/2175-6600.2025v17n39pe20328.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. **Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil**. Educação, Porto Alegre, v. 30, n. 3, p. 489-506, set./dez. 2007.